

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 23 de Março de 1856.

N. 7.

LITTERATURA.

O Padre Antonio Vieira.

A rainha da Suecia, como todos os principes seculares que tinham ouvido Vieira n'este sermão, foram prodigos em elogial-o, mas estes applausos expontaneos longe de o tornarem orgulhoso mais lh'offendiam a modestia. É que elle representava a humildade em toda a sua plenitude, e as vaidades mundanas hiam quebrar-se de encontro á sua roupeta de jesuita !...

V.

A 12 de setembro de 1680 recebeu Vieira uma carta do seu geral, João Paulo Olivio, em que este lhe participava que a rainha da Suecia o elegera seu confessor.

Vieira recusou, pretextando que não se julgava digno de preencher tão honroso lugar ; e que todo o seu empenho era reduzir á lei de Christo os gentios do Brasil, para onde embarcára de novo a 22 de novembro de 1662. Foi no Maranhão que elle fundou essa missão—seu sonho dourado, que devia em pouco tempo arrebatardas trevas um grande numero de indios. Para ampliar mais o seu pensamento, embarcou outra vez para Lisboa, a 16 de julho de 1653, onde após de muitos obstaculos, conseguiu d'el-rei D. João IV, a liberdade dos indios, que Vieira julgava necessaria e conducente á sua converção. Não admira pois que a missão que fundára o obrigasse a visitar onze vezes as residencias d'ella, navegando vinte e dous rios tão extensos como o mediterraneo, e discorrer a pé quatorze mil leguas por lugares incultos e solitarios, sob um calor excessivo, e outras vezes debaixo de horrosas tempestades. Attestam-no as deseseis igrejas que levantou, e com que dispendeu cincoenta mil crusados em ornamentos ; attestam-no a multidão de gentios *Inheigaras*, *Tupinamdás* e *Poqui-guarás* que converteu nos sertões do Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas ; attestam-no emfim os *Nheengaybas* que agradecidos por tel-os reduzidos á fé catholica, o receberam em triumpho a

16 de agosto de 1659 !... O geral da companhia, Tyrso Gonsalves o elegeu, a 17 de janeiro de 1688 visitador da provincia do Brasil, e absoluto superior das missões, lugares que accitou constangido, porque elle nascera para obedecer e não mandar.

Tantas virtudes especiaes, tantos serviços eminentes deviam ser recompensados. Assim succedeu ; Vieira foi estimado pelos pontifices Innocencio X e Clemente X, como o gigante do Evangelho, como o Salomão da Constancia e como o apostolo da verdade. Luiz XIV, de França. D. João IV, e D. Pedro II, de Portugal, o duque de Florença emfim, quizeram remunerar o seu talento e virtudes enchendo-o de dignidades, Vieira tudo recusou, e disse que a sua roupeta de jesuita importava tanto como o chapéo cardinalicio, ou o baculo de principe da igreja. Levou a tal ponto o seu amor por essa roupeta, que é factoprovado ter usado de uma capa a longo espaço de 14 annos ; que deixou violentado. Era a pobreza religiosa em todo o seu brilho.

Não só regeitou as dignidades que lhe offereram os principes mencionados, como tambem recusou a dadiva de 25 mil crusados que el-rei D. João IV lhe mandou dar em Pariz para comprar livros ; e a Ilha Terceira em premio de apatrocinar n'um grave negocio, lhe offereceu uma quantia avultada que recusou tambem.

Como era de suppor, as suas virtudes e o seu talento deveriam contribuir para que a inveja e odio fossem despertados. Affrontou este com calma e retribuiu aquellá com beneficios.

Accusado em varios tribunaes ; soube defender-se ; conservando sempre uma tranquillidade d'espírito nunca desmentida durante quarenta e tantos annos de continuas privações.

Foi a Bahia que elle escolheu para passar os poucos annos que lhe restavam d'existencia.

Retirado a uma quinta nos arrabaldes da mesma cidade, occupou-se em apromptar as suas obras para a impressão, por ordem do seu geral que lhe pedio tambem que completasse o livro intitulado—*Clavis prophetarum*... Pouco terei a acrescentar á biographia do padre Antonio Vieira ; com tudo não concluirei sem dizer alguma cousa mais sobre os seus ultimos instantes,

que foram do'orosos bastante. Mas a resignação jámais o abandonou, e quando as dôres eram mais violentas—dizia—*Dominus est : quod bonum est in oculis suis faciat*. Emfim o padre Antonio Vieira depois de receber os santos Sacramentos, expirou a uma hora da noite de 18 de julho de 1697 ; tendo de idade 89 annos 5 mezes e 9 dias e de religião 74— 2 mezes e 13 dias !... Foram 74 annos no serviço de Deos e no augmento da sua doutrina. Tambem o nome do padre Antonio Vieira será sempre pronunciado com respeito e admiração ; e as suas obras contribuíram para que jámais o esqueçamos...

J. RODRIGUES DE XAVIER PINTO.

● misterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO II.

Gustavo, depois de ter passado alguns minutos preocupado com terríveis pensamentos, voltou-se, e seu rosto ainda ameaçador, e coberto d'um suor frio, tornou-se pallido, porque o camarote n. 10 já não lhe apresentava a mesma vista. Levantou-se, e sahio apressado para fóra; e depois de percorrer ao lado do edificio, pôde descobrir a sege que o trouxera.

Vistes partir d'aquí algum carro com uma família? perguntou elle ao cocheiro. Sahio agora, um. Para que lado? O cocheiro é meu conhecido, e como estava aqui perto, contou-me que era uma familia da rua do Principe, e elles tomaram essa direcção...

Pois vamos depressa ; quero saber ao certo o lugar.

Gustavo entrou, e a sege pario ; passados alguns minutos chegaram á rua indicada, estava deserta, reinava profundo silencio ; apenas o clarão da lua, que já seguia sua carreira adiantada, alumiaava os objectos. Já nem se via o carro, nem o ruido de nenhuma porta se fazia ouvir.

Gustavo rangia os dentes desesperado; fez parar a sege e apeou-se. Espera aqui ; disse elle, e seguio, olhando com attenção para todas as casas. Depois de ter andado uns cem passos, ouviu-se ranger os ferrolhos d'uma porta, entreabrio-se, e sahio um homem, que ganhando o lado opposto, andou com velocidade ; ao passar por perto de Gustavo, o desconhecido homem bem trajado, mas d'uma figura pouco agradável, parou e levando a mão ao chapéo perguntou-lhe.

« Poder-me-ha indicar Vmc, onde mora por aqui algum medico? » Gustavo ficou um instante calado contemplando-o, e respondeu-lhe. Nada

mais a proposito, Sr ; não sei com quem tenho a honra de fallar ; mas seja com quem fór, aqui estou eu, que venho de estar junto ao leito d'um doente ; e que me presto ao que estiver ao meu alcance Sr. O desconhecido pareceo alegrar-se, e commovido disse : Oh ! Sr. foi a providencia quem vos enviou ; vinde Sr ! vinde ! é para acudir a uma pessoa que está com um ataque. Pois vamos, e os dois seguiram com ligeireza. Como lhe principiou não vos posso dizer Sr. D., apenas a vi sem sentidos, corri a buscar um medico ; ambos chegaram a porta ; o desconhecido abrio-a, e depois d'entrarem serrou-a, e seguiram por um corredor, que era alumiado por uma lamparina ; subiram ao primeiro andar ; atravessaram algumas salas bem mobiliadas, sem que apparecesse pessoa nenhuma. O desconhecido caminhava adiante, a final chegaram ao patamal d'uma pequena escada, subiram, e o desconhecido abrio a porta d'um quarto, e voltando-se para Gustavo fez-lhe com a mão signal que entrasse. Gustavo até ahi tinha formado na mente muitos planos, para poder sahir-se bem da aventura a que se arriscára.

Oh ! se fosse ella, pensava elle ; eu daria graças a Deos porque ha tanto tempo a procuro, e parecia um mysterio... mas senão fór farei as vezes de medico, e meu sangue frio não me trahirá ; ora vamos, e confiança em Deos ; seja o que fór, o coração me adivinha alguma cousa, porque a cara deste cliente nada me agrada, emfim se fór Amelia, e se ainda estiver desmaiada ; oh ! fortuna !... acompanhai-me. Gustavo entrou, o desconhecido o precedeu e a porta fechou-se.

(Continúa).

Fé, esperança e caridade.

I.

FÉ.

Estas tres virtudes theologaes que aos nossos antepassados ensinavam o caminho que deviam trilhar para obterem a salvação da alma, fazendo-os primeiro crêr por fé nos dogmas do christianismo, como na mais santa das doutrinas, ensinando-os a praticarem o bem, na esperança de perdão eterno do supremo juiz, e obrigando-os á caridade sem limites e sem fausto para com a humanidade, o que são ellas pois? Está de tal sorte mudado o sentido d'estas tres palavras, que só servem para ensinar o caminho do *bem estar* aos nossos contemporaneos ; a salvação d'alma, o perdão de Deos, e o descanso eterno, significam hoje, louta meza, grandezas, luxo, titulos, brazões e pergaminhos !! as tres virtudes perderam toda a philosophica theologia, para tomar todo

o positivismo da época, perderam toda a santidade de expressão, para ganhar toda a baixeza do vandalismo, do interesse e do bem estar n'este mundo; esquecem-se os tormentos eternos, pelos prazeres d'uma vida desregrada, cheia de vícios e torpezas. Olvida-se Deos e suas doutrinas, para crêr no ouro como agente positivo e serio, ás satisfações de nossas paixões e caprichos, caprichos que muitas vezes vão opprimir e diffamar os nossos semelhantes.

A fé, pensamento sublime, e que olhado e observado como foi instituido a nada nos obriga, mas nos pede meditação, e crênça nos dogmas do christianismo; a fé que nos move a crêr em uma vida além da que vivemos no mundo, mas uma vida eterna, aonde o justo encontrará os premios de suas virtudes, e o máo, o castigo de seus erros e torpezas; a fé está adulterada, viciada a palavra, e pervertido o mandamento; no nosso seculo a fé, consiste nos interesses pessoais, a fé na religião acabou-se. Já se não vêem nos templos do Senhor essas almas contritas e piedozas que ahí hiam orar pela salvação dos seus semelhantes, não; hoje a igreja serve para se ostentar como se fôra um logar de passeio, o luxo, a riqueza, ouro e péis, sédas e todos esses objectos mundanos que servem para attestar a opulencia de quem os traja, ahí vão figurar no retiro da meditação e da oração. Não são só os seculares que fazem estas ostentações, são também esses homens que se apregoam ministros de Deos, e que revestidos um instante de hypocrisia, apparecem depois como qualquer secular, *de phibatinha, lenço almiscarado*, e dando exemplos de immoralidade que brada aos céos: a fé está hoje pervertida e despresada, — não indica essa sublimidade de acção que sem nos forçar, nos obriga a crêr. Tem por ventura fé o juiz que assigna a sentença de morte a um seu semelhante? não, mil vezes não.... Os factos podem muitas vezes comprometter uma acção, mas não dão o direito a um homem juiz, para mandar tirar a vida a um seu igual perante Deos; é por fé nos depoimentos que o juiz, muitas vezes se torna assassino, condemnando um innocente, ou absolvendo um criminoso. Está pois provado que a palavra está adulterada: a religião nos manda crêr por fé nos dogmas do christianismo, eomtudo como se plantou esta seita no mundo? foi por pura fé? não, ahí estão os annaes da inquisição para mostrarem que nem sempre a fé prevaleceu como primeiro mandamento, mas sim á força. Os odios e as victimas que a fé custou, provam que a palavra ha muito que está adulterada, e que assim se conservará n'este seculo de immoralidade. Hoje em dia só ha uma fé, mas essa constante, valiosa e que serve de mola a todos os poderes mundanos: sabeis qual é? a fé no ouro!! n'esse metal poderoso que torna do máo, bom, do estu-

pido, espirituoso, do sujo limpo, do baixo, grande e do plebêo, nobre. Eis a fé do nosso seculo!! eis o prisma, que encarado por qualquer face é sempre vistoso, adorado, espirituoso e sublime. Que fé póde ter, ou merecer um homem sem ouro? nenhuma, ao passo que o homem que o possui, póde lucupletar-se á custa do proximo, porque tem fé, merece fé, e fé inspira á nossa sociedade enfactuada e encastuada em ouro.

O pussuidor da fé metalica, é incapaz de vilezas e roubando, adulterando, prostituindo e mentindo, chega a ganhar, não a salvação eterna de sua alma, mas esse bem estar, *credito e descanso*, que constituem a felicidade mundana em prejuizo da verdadeira observação do pensamento.

Não tendo fé, tem o metal com que pagará a quem o absolve de suas culpas, e lhe prometta o perdão de Deus na eternidade.

Continuar-se-ha

J. AUGUSTO.

POESIAS.

AO DIA

DO FELIZ NATALICIO

DE

S. M. A SR.^a D.

THEREZA CHRISTINA MARIA

Imperatriz do Brasil.

Vem ó musa neste dia
Tomar parte na alegria
Do teu joven trovador;
Faz que possa com alento
Idear no pensamento
Mui mimosa e bella flôr.

Que eu desejo harmonioso
Cantar muito saudoso
A virtuosa sem par;
E ir essa flôr com respeito
Sem lisonja ou preconceito
A seus pés depositar.

Eu bem sei que sou proscripto
Cá neste Imperio infinito
Aonde sólto o meu cantar:
Mas é livre o pensamento,
Vôemos pois n'um momento
Nosso tributo pagar.

Deos te salve, Ciciliana
Portentosa soberana
Deste bemdito paiz ;
Que a pobreza agradecida
Tem da terra ao céo té erguida
Em throno de aurêo matiz !

Deos te salve, porque a vida
Desconsolada e opprimida
Acha em ti consolação ;
Deos te salve, porque escondes
Essa mão com que respondes
Ao mais triste coração !

Desse-me Deos a ventura
De mil vezes com brandura
Os teus annos festejar ;
Que minha musa constante
Viria mui radiante
Nesses dias m'inspirar.

E cantando alegremente
Buscaria em minha mente
Linda flôr desaprochar ;
Pois se fosse mui singella
Eu correria a offerecê-la
A virtuosa sem par.

Mas agora a flôrsinha
Que traçou a mente minha
Desejo vel-a guardar ;
Perdão, se ousou na virtude
Abrigar meu genio rude
E meu mesquinho trovar.

Março 14 de 1855.

M. L. MACHADO.

Jesus est mortus!...

Qu'angustia, que magoa immensa
Envolve a terra e os céos !..
Que nevoa sombria e densa
Occulta a obra de Deos !...
Tudo no mundo é sombrio,
Nem um chilar, nem um pio
D'um alado trinador !
Apenas, como de leve,
Da brisa o lente, mui breve,
S'escuta o brando fragor...

D'Apollo coberto é o rosto
Hontem, inda prasenteiro...
Ai ! do prazer ao desgosto
Como se passa ligeiro !...
Mas, qual é este misterio,

Do mundo qu'ô longo imperio
Envolve em crepe de luto ? !
Qual é, sim ?... Porém um pouco,
A meu lado surdo e rouco,
Que som... que rumor escuto ?!...

Olho... céos ! que vejo ?!... morto
Oh ! meus irmãos, o Jesus !?...
Nosso pai, nosso conforto,
Ai ! oh dôr ! sobre uma cruz !...
Onde, atroz ludibriado,
De mãos e de pés cravado,
Foi pelo povo infiel...
Por essa turba maldita,
Assás cruenta infinita
Do fementida Israel !...

Sobre o cume do Golgotha,
Eis o nosso redemptor !...
Onde esgotou gota a gota
O fêl amargo da dôr...
A sua frente, qual lyrio,
Pelo furor do martyrio
Ah ! vinde irmãos... reparaí
Como nô peito opprimido,
Por acres settas fendido,
Triste pendente lhe cai !...

Vêde como elle por nós
Seu sangue, irmãos, derramou !
Como o ferro atro do algoz
Seu coração traspassou !...
Ponderai quantos horrores,
Por nos remir, peccadores,
No Calvario padeceu
O ser immenso e bondoso...
O pai amante extremoso...
O Deos da terra e do céo !..

O seu tão divino rosto
Vêde, emfim desfigurado...
Seu cabello descomposto
Em sangue qu'está banhado !...
Olhai como no madeiro
O suspiro derradeiro.
Humilde quiz exalar,
O rei de todos os reis,
Entre torturas crueis,
Sómente p'ra nos salvar !...

Chegai pois... as mãos erguer
Vamos junto do Senhor...
Amargo pranto verter
Em signal de nosso amor !
Pedir-lhe vamos contritos,
Perdão de tantos delictos
Em que vivemos manchados...
Dizendo com contricção
Do fundo do coração :
Perdoai nossos peccados !...

« Perdoai-nos Bom-Jesus
 « Termos-vos tanto offendido,
 « Por essa elevada cruz
 « Em que fosteis perseguido !...
 « Perdoai, Deos de bondades,
 « Nossas vis iniquidades
 « Tão dignas de punição !
 « Dando, para todo o évo,
 « Paz á nossa alma e socego,
 « Em vossa etherea manção...

Rio de Janeiro 21 de março de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Já te não amo.

Agora vamos a contas
 Paga-me se póde ser,
 A moeda seja a mesma
 Do que constar o dever.

Que te devo? alguns acenos,
 Sorrisos, phrazes bonitas;
 Signaes d'abracos queridos,
 Esperanças infinitas.

As promessas mentirosas,
 Os juramentos fingidos,
 Os amores confessados,
 Confessados, não sentidos.

A virtude apregoada,
 O ciume incompetente,
 As lagrimas, os suspiros,
 As cantilenas de sempre....

Que me deves? ai! que não
 Posso tudo enumerar:
 Que proveitosos conselhos,
 Que promessas e que amar!...

Que de tantos pensamentos,
 Para teu bem combinados,
 A buscar-te melhor sorte,
 Mais ventura e mais agrados.

Que planos tambem traçados
 D'esse contado porvir....
 Que de saudades soffridas!
 Que tenções...e que servir....

Lagrimas do coração
 Não d'agua, mas d'amargura;
 Alcançados tristes sonhos,
 A crença n'uma impostura....

Ambos devemos ingrata
 Mas que metal variado!
 Fiquemos porém correntes
 Perdoada... perdoado!...

Março 10 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

Extremo.

Attende Deusa do amor,
 A teus pés olha opprimido
 Um amante entristecido,
 Que por ti delira e chora !
 Attende a que teu rigor
 O tem feito desgraçado,
 Pois vai-te dizer o fado
 Que de continuo o devora !

Vou, sim, Marcia, vou contar-te
 O quanto sinto em meu peito,
 Pois vivo d'amor dêsfeito
 Soffro torturas de morte !
 Tenho exhalado passivo
 Longos suspiros e ais ;
 Mas não posso aturar mais
 O rigor de minha sorte !...

Quero contar-te os tormentos
 Que por ti hei padecido,
 Dizer-te quero ao ouvido
 Segredos do coração...
 Com grande sinceridade
 Quero exprimir-te, querida
 Quanto triste é minha vida
 Cheia de dôr e afflicção !...

Quero que tu reconheças
 Quanto é minha dôr intensa,
 Quanto é turva a nevoa densa
 Que m'envolve o coração...
 Espero, compadecida,
 A meu penar tão sedento,
 Um perenne linimento
 Diz Marcia, por compaixão !...

Põe sobre este peito ardente
 Tua mão de pura neve,
 E depois que bem de leve
 Sentires quanto palpita,
 Decide de meu destino
 Ou vida para te amar,
 Ou morte p'ra terminar
 D'uma vez minha desdita !

Espero, tendo remorso
Do mal que me tens causado,
Recuperes o passado
Com amor e com ventura...
Se porêem, assim não fôr
Meus dias terminarei...
Pois um descanso acharei
Ao menos, na sepultura !

JOÃO DANTAS de SOUZA.

A uns olhos.

Que meigos, que ternos olhos
De relance um dia vi,
Fizeram-me sentir n'alma
O que nunca mais senti.

Eram raios que feriam
Derrocavam corações,
Attrahiam como iman
Prendiam como grilhões.

Mas ferindo brandamente,
Derrocando com doçura,
Attrahindo com encanto,
E prendendo com ternura.

Eram bellos por demais,
Tinham do céu a côr pura
Eram bellos!... conceberam
A magia da natura!

Quando d'elles me recordo
Então suspiro d'amor,
Meu peito triste responde
Era azul a sua côr!.....

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Teu collo,

Teu collo tão casto, tão alvo tão puro,
Teu collo donzella, com tanto pudor
Fagueiro pulsando sentirá callado
Bafejos ardentes, crestados d'amor ?

Teu collo e aljava de settas pungentes,
Que prezas ao peito me podem matar,
Teu collo é fonte de limphas brilhantes
Q'os meus dissabores me vêm orvalhar !

Teu collo é um cofre de joias d'amor
Eu fôra feliz se os podesse gozar...
Teu collo é urna onde tenho esperanças
Que jámais nesta vida se possa olvidar !

Teu collo é qual tronco de verde roseira
Que tem dous botões viçosos crescendo,
Teu collo é a taça onde sorvo anhelos
Confortos, enlevos para assim ir vivendo !

Teu collo é um dardo que fere minh'alma
Com magicas dôres, com dôce sentir !
Teu collo é um vinculo que tem enlaçado
Um mundo d'encantos, risinho porvir !

Teu collo é um vaso de doces fragancias
Q'a vida embalsama de quem o gozar,
Teu collo é aljava de settas pungentes,
Que prezas ao peito me podem matar !

Agosto de 1855.

A. DA SILVA FERREIRA.

Saudades.

Se vai minha vida
Passando perdida
Em mago scismar ;
Puderas Eulina
A chamma divina
Me vir alentar.

Ao céu me arrebatas
Se o véo me desatas
De tanta illusão ;
Vem dar-me a ventura
Com paz e ternura
Ao meu coração.

Mande-me depressa
Em nuvem espessa
Hum raio de luz ;
Que a brisa fagueira
Correndo ligeira
Aqui m'o conduz.

Tornai-me esta vida
Que vaga perdida
Em doce viver ;
Pois quero pensando
De ti me lembrando
O mundo esquecer.

Março de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Anjo ou demonio.

Tu és anjo, mulher; serás minha :
Se és demonio, tambem serás meu:

(J. D'ABOIM.)

Ao te ver um Archanjo te julguei,
Pois tens as perfeições angelicaes ;
Soffri dôres crueis, dôres mortaes,
Loucamente te amei.

Eras furia surgida lá do inferno !
Fui trahido por ti, quiz te odeiar;
Mas facil me seria apostar,
Me tórnavo mais terno.

Ao julgar-te celeste pequei,
Pois eu era mortal e te amei :
Ao julgar-te infernal mais pequei,
Pois eu era mortal e te amei.

E por ti heide sempre procurar,
Sejas Anjo, Demonio, ou mulher,
Com ternura heide sempre te amar ;
Eu te vi, peccarei, Deos o quer !

JOSÉ DE MORAES SILVA.

VARIADADES.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA

COMEDIA EM UM ACTO

(Continuação).

JULIA. — Porém vai ha tanto tempo que essas cousas se passaram !

AMELIA. — Foi tal a minha sympathia que nunca mais me pude esquecer delle. De tempos a tempos passa por defronte da nossa janella, e lança-me um olhar tão cheio de ternura, que além do meu amor, vem um sentimento sagrado pairar sobre o meu coração ! Inda esta manhã seriam oito horas, estava eu a janella que deita para nosso jardim, quando me veio esta voz terna ferir os ouvidos : anjos do céu !...

Voltei-me de repente, e dei com elle debaixo da mangueira grande, com o chapéo em uma mão, e um ramo de flôres na outra. Ah ! eu n'esse momento fiquei perturbada, não me occurriam as idéas, nem sabia mesmo o que lhe havia de dizer.

Meu anjo, tornou-me elle escutai-me pela primeira, e quem sabe é a ultima vez !... Já sei que vosso pai pretende cazar-vos com muita brevidade, resta-me sómente saber se o fazeis por vossa vontade, porque os meus soffrimentos, o amor que vos hei dado, não me deixam acreditar em vossa ingratição.

Oh !... Deos... que ao ouvir taes frases repassadas de tão puro sentimento, minhas lagrimas ardentes vieram crestar-me as faces, e bem a custo

lhe disse : É verdade que meu pai tenciona de me casar com muita brevidade, e ainda que não é da minha vontade, quero ser filha obediente, mas a injustiça de meu pai poderá sómente ser perdoada quando do seu erro se arrependa. Mas oh ! pobre mancebo; quando ouvio estas razões, abaxou o rosto sobre seu peito, e um suspiro ao erguel-o foi a sua unica resposta !... oh ! minha irmã, esta triste scena dilacerou o meu coração !.. Senti que alguem se dirigia para a sala, receiosa me retirei dizendo-lhe apenas adeos, e que não perdesse de todo a esperanza, Depois ouvi pronunciar o meu nome, nosso pai tinha entrado na sala, foi preciso esperar que elle se retirasse para voltar de novo a janella, mas quando pôde fazel-o já o infeliz tinha abandonado o nosso jardim !..

JULIA. — Oh ! faz-me tanta pena estas cousas !... (ouvindo a musica). Eis, lá principia a festa !..

AMELIA. — Vós não ides ?

JULIA. — Inda não, ide vós, que eu fico.

AMELIA. — (Indo e voltando-lhe resposta). Não sei o que tenho, Julia, mas sinto-me tão triste ha uns dias a esta parte ; todavia se faz necessario que uma pessoa se finja alegre ainda que esteja morrendo de tristeza, (vai-se).

SCENA III.

JULIA só.

JULIA. — (depois de acompanhar Amelia até a porta, salta como ferida por uma boa idéa.) Ora para que serve esta cabeça !... (dando com a mão na testa) a não dar alguma cousa boa era muito melhor a não ter !... Vamos... (assentando-se) isto é muito zombar de minha pobre irmã !... (como recordando-se). Que feliz lembrança !.. apesar de ter só onze annos, conheço não ser dessas meninas simplorias, e sinto-me com juizo bastante, para fazer alguma astucia em abono da minha querida irmã... Quanto é bom a gente lêr os livros desses afamados escriptores !... É por certo uma especie de remedio, que pôde curar todas as molestias ; sem duvida que tenho já lido alguns exemplos, e muito interessantes !..

Porém se me descobrirem ! não faz mal, é uma victoria de menos... nada... nada de receios, astucia sempre, pois eu entendo que quando ella é empregada a favor das infelizes, Deos nos deve perdoar, de mais a que poderei me arriscar ? apañhar por ahi alguns bolos ! não importa, por Amelia quero a tudo me arriscar, (sentindo que alguem se approxima vai expiar e volta) Oh ! lá... são os tacs suguetinhos...

SCENA IV.

JULIA, JACINTHO, FRANCISCO E ANASTACIO.

JACINTHO. — Isso é impossivel !...

FRANCISCO. — Ora, se eu não visse, com estes dous olhos !...

ANASTACIO.—Estaes muito enganados, pois era a mim que a menina dava attenção !...

JACINTHO.—Sim !... pois eu hei de mostrar-vos logo.

FRANCISCO.—Está dito, nós veremos.

ANASTACIO.—(dando mais alguns passos e vendo Julia) oh ! diabo ! está alli a pequena (á parte).

Como está minha menina ? (alto e aproximando-se della.)

JULIA.—(Mostrando-se de máos humores) isso não é da conta do senhor.

ANASTACIO.—Bravo, está mal comigo !..

JULIA.—Deixe-me... e não se devirta comigo, pois do contrario vou deitar-me daquella janella na rua.

JACINTHO.—Na rua !..

FRANCISCO.—Heim !...

ANASTACIO.—A menina está levadinha da breca porque a não convidaram para dançar ; mas por essa causa não é capaz de commetter um tal desatino, para o que apostemos e veremos quem depois é que ganha.

JULIA.—Ah ! não sou ! pois eu lh'o mostrarei : ora vejam !... dançar !... nem que eu precisasse de dançar com uns figurões como os senhores !...

JACINTHO.—Deixa lá isso que são manias de crianças.

JULIA.—Manias de criança ? pois agora não lhes conto um segredo.

FRANCISCO.—Contai-nos, contai-nos que não diremos nada.

JULIA.—(Disfarçado) Pois bem, vou dizer-vos lindas cousas.

FRANCISCO.—Contai, contai !... (esfregando as mãos de contente.)

JULIA.—Não digaes nada heim ?

ANASTACIO.—Oh ! nada, nada !

FRANCISCO.—Um segredo !..

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

Character portuguez,

Na lucta da nossa independencia em 1640, cahio em poder dos hespanhoes, já sem forças e mui ferido, um cavalleiro portuguez chamado Roque Antunes; e perguntando-lhe elles.—Quem vive?—respondeu com nobre coragem: « Deos e D. João IV, rei de Portugal » prometteram-lhe a vida se um só vez dissesse—viva el-rei D. Philippe. porêm, respondeu com toda a presença de espirito:—matai-me, muito embora, que por um tal preço eu não quero a vida. »

Um bis mal interpretado.

Todos sabem que o *libretto* da opera de Guilherme Tell, é de MM. de Jouy e Hypolito Bis.

Depois da primeira representação desta obra prima de Rossini, que teve lugar a 3 de agosto de 1829, os professores da orchestra executaram a ouvertura da partitura e debaixo das janellas do maestro italiano, que então morava no Boulevard Montemartre defronle dos Panoramas.

O publico transportado com a execução da composição, gritava : bis ! bis ! em toda a extensão do Boulevard.

Apparece o veneravel M. Jouy, e dirigindo-se á multidão pronuncia o seguinte *speech* :

—Srs., o meu collaborador, M. Bis, está ausente, não póde pois satisfazer os vossos desejos. Mas eu recebo por elle a manifestação com que o honraes e prometto fazer-lhe saber quanto é ella lisongeira.

Um dillettante americano.

Em uma das reuniões musicaes de Mm. Or... um bravo *Ian kee* se tornava notavel pelos entusiasticos bravos com que acompanhava cada pedaço de canto, ou cada solo de instrumento.

A ventura infavel que parecia experimentar, seu gesto apaixonado, seu olhar em que se pintava o extasi, toda a sua pantomima enfim revelavam um profundo conhecedor.

—*You are a musician, sir?* disse-lhe um joven inglez, que por acaso estava a seu lado. (Sois musico Sr.?)

—*No sir,* (respondeu o Americano), *but my brotther has a musical box.* (Não, senhor, mas meu irmão tem uma caixinha de musica.)

DECLARAÇÃO.

A assignatura para esta folha é paga adiantada, no escriptorio da empresa, rua do Senhor dos Passos n. 77 defronte da igreja. Por anno 6\$000, por semestre 3\$000: para seguir pelo correio por anno 8\$, por semestre 4\$.

O pagamento da assignatura está aberto. As pessoas que até aqui receberam os primeiros seis numeros do segundo semestre são consideradas assignantes.

Os que receberam os primeiros numeros, e depois mandaram suspender, hajam de mandar entregar os numeros recebidos.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.